

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

MESSIAS DA MOTA PAES NETO

ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA DO CONFINAMENTO
O CASO: FAZENDA UNIÃO I

RUBIATABA-GO

2004

Arthur - Pecúnia

26497
500u

Tombo n°	9.347
Classif.:	A-658
Ex.:	1 MESSIAS PAES NETO
	2004
Origem:	d
Data:	20-12-04

MESSIAS DA MOTA PAES NETO

ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA DO CONFINAMENTO O CASO: FAZENDA UNIÃO I

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de bacharelado em Administração com habilitação rural, na Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Mário Lúcio de Ávila.

Rubiataba-GO

2004

FOLHA DE AVALIAÇÃO

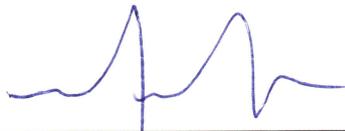
EXAMINADA EM: 13/12/2004.



Prof. Marco Antonio de Carvalho
Mestre em Administração de Empresa



Prof. Enoc de Barros Silva
Especialista em Recursos Humanos



Prof. Mário Lúcio de Ávila
(Orientador)

RUBIATABA-GO
2004

Agradecimentos

Considero justo dedicar este trabalho a meus pais que cooperaram diretamente, sem medir as dificuldades, à minha irmã pelo incentivo constante, à minha esposa pela compreensão e a minha filha, ainda no ventre materno, mas já dona e razão maior de todo meu esforço.

A Deus, pela vida,

Aos professores desta Instituição e em especial aos Professores. Mário Lúcio de Ávila e Enok, que com atenção peculiar, orientou-nos durante a elaboração deste trabalho.

Aos colegas de classe, e a todos aqueles de algum modo, contribuíram para a conclusão deste.

Observei ainda e vi debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a peleja, nem tão pouco dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos entendidos o favor, mas que a ocasião e a sorte, ocorrem a todos.

(Eclesiastes 9.11)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
OBJETIVOS.....	08
2.1.HISTÓRICO DA PECUÁRIA DE CORTE NO BRASIL.....	09
2.1.2 PRINCIPAIS REGIÕES DA BOVINOCULTURA DE CORTE NO BRASIL.....	10
2.1.3 PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS DE CORTE EXISTENTES NO PAÍS.....	11
2.1.4 BALANÇO DA PECUÁRIA BRASILEIRA.....	13
2.1.5 TENDÊNCIA DE CRESCIMENTO DA PECUÁRIA DE CORTE.....	13
2.1.6 MERCADO DA CARNE INTERNO.....	14
2.1.7- MERCADO DA CARNE EXTERNO.....	17
2.1.8.- PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	20
2.2- RENTABILIDADE NA PECUÁRIA.....	23
2.3 TENDÊNCIAS.....	26
2.4- SISTEMA DE INFORMAÇÃO.....	29
2.5- ESTRATÉGIAS DE FONTES ECONÔMICAS CONFINAMENTO.....	29
2.6 CONFINAMENTO.....	31
2.6.1- O SISTEMA DE ENGORDA EM CONFINAMENTO.....	32
2.6.2 - CONTROLE E GERENCIAMENTO.....	33
3- A EMPRESA.....	34
4- METODOLOGIA.....	45
4.1- O ESTUDO DE CASO.....	45
4.2- SISTEMA PRODAP.....	46
5. ANÁLISE FINANCEIRA DA ATIVIDADE GADO DE CORTE.....	48
6. CONCLUSÃO.....	51
7.SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS.....	52
8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta numa visão ainda acadêmica, um dos principais aspectos relacionados à Agropecuária na atualidade.

O objetivo maior foi o de levantar através de pesquisas, bem como de observações de atividades práticas no campo, o maior número de informações possíveis ligados a esta atividade que vem se destacando perante o cenário da economia mundial.

O trabalho foi elaborado com um enfoque abrangente aos dados econômicos de um modo geral e com atenção especial às experiências vivenciadas pelo fazendeiro Antonio Mota, nas atividades desenvolvidas na Fazenda União I.

O Brasil vive dias de glória em relação à pecuária e é, o país líder em exportações de carne bovina, a exemplo disso está o centro-oeste com 34,24% da concentração de todo rebanho nacional, a pecuária se expande, modifica-se, desloca-se, e evolui de acordo com cada região.

O nordeste e o norte cresceram 2,34% em todo o seu rebanho motivado pela invasão da agricultura em terras já domesticadas pelas pastagens.

O país possui em seu plantel a raça zebuína (nelore) que é a de maior representatividade trazida pelos colonizadores e adaptada pelos anos de sua existência, e também a raça taurina que apresenta melhor rendimento de carcaça e chegou ao Brasil na década de 80.

Apesar de tendências de queda nas exportações mundiais, em 2004, as expectativas de vendas externas brasileiras aumentaram entre 15% a 20% devendo atingir 1,5 milhões de toneladas, porém houve um desaceleramento no crescimento do rebanho tornando a pecuária mais eficiente e sendo o grande vetor de crescimento econômico social do Brasil.

Dentro deste contexto globalizado o confinamento surgiu como uma ferramenta eficaz na produção de carne em um menor espaço de tempo em áreas menores e aproveitadas de maneira intensificada na produção e na gestão. É isso que norteará o desenvolvimento e a adequação dos empreendimentos destinados a produzir carne bovina no país.

1.1 Objetivos

Objetivo geral

Compreender o papel da administração com o uso do programa PRODAP profissional que é uma ferramenta auxiliar nas tomadas de decisões.

Objetivos específicos

- Observar de forma participativa na execução do confinamento;
- Identificar os pontos principais do manejo no confinamento;
- Verificar a viabilidade da implantação do PRODAP na intensificação através do confinamento;

2.1.-HISTÓRICO DA PECUÁRIA DE CORTE NO BRASIL

Os primeiros registros da atividade pecuária no Brasil se dão ainda no período de colonização, no século XVI, quando foram introduzidos os primeiros bovinos oriundos de Cabo Verde, numa das expedições de exploração do atual território nacional. Esta introdução foi realizada onde hoje se localiza o estado da Bahia. Já no século XVII, outros animais teriam chegado à capitania de São Vicente.

O maior valor para o gado bovino na época estava na tração, principalmente para a movimentação dos moinhos nos engenhos de cana-de-açúcar e também eram importantes para o transporte em geral além de servir de alimento para os escravos. Além disso, com a presença da atividade açucareira na região litorânea da Colônia, o gado foi utilizado também, através da expansão de novas áreas e penetração em regiões interioranas do continente, onde se encontram atualmente os estados de Goiás, Minas Gerais, Pernambuco e Maranhão.

No século XVII, segundo alguns relatos históricos, estavam envolvidas na atividade não mais do que 13 mil pessoas e um rebanho de cerca de 650 mil cabeças. Mais ao Sul, no atual estado do Rio Grande do Sul, como resultado da própria colonização, desenvolveu-se uma atividade pecuária baseada no uso da alimentação de pasto nativo. O crescimento do rebanho nacional foi grande no século XVII e também XIX com a chegada de animais europeus, mais adaptados às regiões sulistas.

No século XIX do gado zebuino no país, conseguem-se condições ótimas de adaptação, principalmente nas regiões Sudeste e Centro-Oeste e daí para as demais localidades, sendo que atualmente o Brasil possui um dos maiores rebanhos comerciais de zebuínos do planeta. A alimentação dos animais, que sempre foi fundamentalmente, à pasto, tiveram a brilhante influência da introdução de gramíneas do gênero das braquiárias que vieram para revolucionar a bovinocultura brasileira, principalmente em regiões de solos relativamente fracos nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. O chamado "cerrado" passou a permitir uma exploração maior da atividade com sistemas que utilizavam pastagem nativa e passaram para sistemas mais intensivos, com a disponibilização destas pastagens chamadas artificiais (as que foram introduzidas), ou seja, mais produtivas, permitindo o desenvolvimento de pecuária nestas regiões.

A partir do século XX, após as duas grandes guerras mundiais, adquiriu-se a consciência de que o Brasil se transformaria num dos maiores fornecedores de carne

bovina para o mundo. Assim muitos programas de incentivo, inclusive financeiros, foram criados para levar o gado zebuino e a braquiária, numa expansão que se deu na região Norte e Centro-Oeste do país, denominadas como zonas de expansão da fronteira agropecuária. Muito mais tarde e ainda nos dias de hoje pode ser claramente observada a valorização destas terras, que um dia tiveram que ser "abertas" para a introdução da agropecuária, pois trouxeram também o desenvolvimento regional com o crescimento das cidades.

2.1.2. PRINCIPAIS REGIÕES DA BOVINOCULTURA DE CORTE NO BRASIL

Não existe uma regionalização oficial da pecuária nacional. De acordo com um trabalho realizado pelos pesquisadores da Embrapa, Zenith João Arruda e Yoshihiko Sugai (1994), foi-se estabelecendo bases de uma regionalização a qual identifica 44 regiões de produção de pecuária bovina: cinco no Noroeste do país, cinco no Norte, nove no Nordeste, onze no Centro-Oeste, nove no Sudeste e cinco no Sul. Com a nova estimativa do rebanho bovino nacional para o ano de 2004, publicado no ANUALPEC, pode-se classificar como expressivas as cinco maiores regiões do Brasil, ou seja, a região Centro-Oeste com 34,24% do rebanho nacional, a Sudeste com 21,11%, seguidas das outras três, Sul (15,27%), Nordeste (15,24%) e Norte (14,15%).

No quadro 01 pode ser observado, com dados atualizados, como se comportam os números dos rebanhos por estado, ou seja, a importância de cada estado na atividade pecuária nacional. Em primeiro lugar continua o estado do Mato Grosso do Sul, seguido dos estados de Minas Gerais e Mato Grosso, não sendo menor a importância dos demais estados para suas respectivas regiões, uma vez que: "*Dado o dinamismo do comportamento socioeconômico do Brasil, a atividade pecuária se expande, modifica e se desloca...*" dito pelos mesmos autores anteriormente citados. Em outras palavras, cada região evolui e assim evolui também sua economia e seus interesses.

Nos últimos anos, o uso de algumas tecnologias permitiu ampliar e desenvolver cada região, sendo que algumas delas são largamente utilizadas nos dias de hoje como a suplementação mineral, devido à utilização dos mais diversos sais minerais e protéicos e de vermífugo para controle de parasitas. As novas tecnologias somadas ao uso de raças e cruzamentos mais adaptados para cada região e suas particularidades

(principalmente em termos de condições climáticas), permitiram um desenvolvimento mais rápido de nossa agropecuária.

Outro fator de extrema importância é o avanço da agricultura sobre as áreas de pastagens neste dois últimos anos. Isso pode ser explicado basicamente pela boa perspectiva, principalmente para os grãos, para os anos que se seguem. Isso pode ser observado como o rebanho, em número, vem se comportando não só em crescimento total (apenas de 0,03% sobre 2002), mas também entre as regiões pecuárias. Em outras palavras, o rebanho diminuiu nas regiões Centro-Oeste (-0,09%), Sul (-1,13%), Sudeste (-0,65%) e cresceu na região Nordeste (0,33%), principalmente na região Norte (2,34%).

Fundamentalmente, a agricultura tem invadido áreas tradicionalmente pecuárias, como as da região Centro-Oeste, expulsando a pecuária para regiões como Nordeste e Norte. O que vem também implicando neste cenário é o aumento do custo das terras. Restam aos pecuaristas, de certa forma, duas alternativas: intensificar a atividade ou buscar terras mais baratas, atualmente encontradas, teoricamente, nas regiões de fronteira agrícola, localizadas ao Norte e Nordeste.

2.1.3 PRINCIPAIS RAÇAS BOVINAS DE CORTE EXISTENTES NO PAÍS

Sem dúvida nenhuma, dentre as raças bovinas presentes no Brasil, a zebuína é a de maior representatividade, a predominante é a raça Nelore. Após anos e anos de seleção desta raça, o país é um exemplo de desenvolvimento deste material genético.

Ainda como raça zebuína importante no Brasil, deve-se destacar a raça Gir, especialmente pelo seu cruzamento com a raça holandesa que resultou numa raça híbrida de dupla aptidão (carne e leite) denominada Girolando. As raças Guzerás e Brahman são igualmente muito importantes, especialmente pelos seus cruzamentos que deram origem as raças Santa Gertrudes, Braford e Brangus.

As raças zebuínas no Brasil se adaptaram por sua rusticidade e por suas características genéticas, adequadas ao clima quente das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, ao sistema extensivo de criação do gado bovino adotado no Brasil. Por suas características genéticas, são raças que, apresentam menor rendimento de carcaça e menor precocidade sexual, do que as raças taurinas mas, também apresentam vantagens interessantes, por produzirem uma carne mais magra, principalmente por se adaptarem a sistemas de produção extensivos de baixo custo.

As raças bovinas de corte taurinas (ou européias), têm predominância clara na região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) que se caracterizam pelo clima mais ameno e mais adequado do que as raças européias. Destacam-se nesta região as raças Hereford, Aberdeen Angus, Charolesa, Marchigiana, Chianina, Simental, Caracu, e Limousin, entre outras.

Um forte crescimento nos últimos anos aconteceu nos rebanhos das raças resultantes de cruzamentos, que visam de modo geral, associar a produtividade das raças taurinas com a rusticidade das raças zebuínas. É o que acontece com as raças Canchim (raça brasileira desenvolvida a partir do cruzamento da raça Charolesa com a Nelore), Santa Gertrudes (raça resultante do cruzamento da raça taurina Shorthorn e a zebuína Brahman) e Brangus (cruzamento da raça taurina Angus com a raça zebuína Brahman).

As raças sintéticas, que nada mais são do que raças obtidas a partir de cruzamentos de várias raças e aprimoradas através da seleção e que respondem a uma concepção distinta com respeito às raças tradicionais, são criadas para dar uma resposta a novas necessidades de produção, de adaptação e de mercado, onde muitas vezes as gerações e retenções do vigor híbrido são importantes para a solução dos problemas existentes. As raças sintéticas vêm também ganhando espaço na pecuária de corte do Brasil, mas ainda representam parte relativamente pequena do rebanho nacional.

Como o banco de dados da pecuária brasileira é desatualizado, de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2004) os números destas raças são de pequena precisão, pois as associações de criadores conseguem ter controle apenas dos nascimentos dos animais registrados. Fica então difícil se saber realmente quanto cada raça tem de participação no rebanho total nacional, haja vista que nem todos os animais de uma determinada raça são registrados.

Mesmo considerando as características específicas de cada raça e seus mais variados cruzamentos, algumas polêmicas foram geradas, principalmente ao longo do ano passado.

Tais questionamentos e até mesmo discussões se voltaram da forma como os principais compradores, os frigoríficos diferenciam animais zebuínos, ou seja, o nelore ou anelorado de animais oriundos de cruzamento industrial, com forte presença de sangue europeu. Em suma, o que causou certa revolta por parte dos criadores foi, a forma

de punição dos animais de cruzamento industrial pelos compradores em detrimento a animais nelore, menos precoces, mas com melhor acabamento de gordura.

Entretanto, não é objetivo deste artigo defender a raça nelore, apenas demonstrar como o mercado se comporta. No caso dos animais de cruzamento industrial, a precocidade é uma característica marcante e é exatamente neste ponto que os frigoríficos têm pressionado, ou seja, para um melhor acabamento de gordura.

2.1.4 BALANÇO DA PECUÁRIA BRASILEIRA

Para resumir o desempenho da pecuária como um todo, na tabela a seguir, observa-se através de um balanço da pecuária nacional, como se comportam os demais índices como produção, importação, exportação, engorda intensiva de gado, consumo per capita, entre outros.

As exportações brasileiras de carne bovina apresentaram-se fortemente em ascensão ao longo de todo o ano de 2002. Observe abaixo que os valores mensais se superaram mês a mês os números de 2001 e continuam subindo mesmo neste começo de 2003. Em 2002 foram embarcadas pouco mais de 928 mil toneladas equivalentes carcaça e uma receita de US\$ 1,07 bilhão. Para 2003 as estimativas são, respectivamente, de mais de 1,2 milhão de toneladas e uma receita de próximo de US\$ 1,4 bilhão. Assim sendo, as exportações passariam de 13% da produção nacional em 2002 para mais de 16% em 2003. Após a conquista de novos mercados a um preço de venda muito competitivo, a expansão das economias dos países asiáticos e a demanda por carne bovina mundial em crescimento são fatores que devem ser suficientes para colocar o Brasil como o maior fornecedor de carne do planeta. Aliado a isso, sendo um país em desenvolvimento, é um dos poucos territórios com áreas passíveis de expansão, seja para produção de carne, seja para a agricultura.

2.1.5 TENDÊNCIA DE CRESCIMENTO DA PECUÁRIA DE CORTE

Para finalizar deve-se observar que, o Brasil passou por grandes movimentos de crescimento do rebanho nos anos setenta, com taxas de 1,5% ao ano, passando para 0,57% ao ano nos anos oitenta.

Esse crescimento mais modesto nos últimos anos se deu em função de fortes ganhos de produtividade ao longo do tempo que garantiram crescimento da produção sem crescimento do rebanho. Isso não quer dizer que o desenvolvimento da pecuária como um todo está desacelerando, apenas mudando a forma como acontece, ficando mais eficiente.

Pode-se dizer que o agribusiness da carne bovina, ainda em franco desenvolvimento e com sua essencial presença na área de expansão da fronteira agrícola, demonstra excelente potencial para incorporação de novas técnicas, além de toda uma rede de insumos e prestação de serviços voltada para a pecuária de corte.

O potencial de crescimento no presente e no futuro de pelo menos as próximas duas décadas é excelente e se devidamente aproveitado deve ser um importante vetor no crescimento econômico e social do Brasil.

2.1.6 MERCADO DA CARNE INTERNO

O Brasil possui o maior rebanho bovino comercial do mundo, mas arrasta, há alguns anos uma baixa produtividade por área de exploração e ainda precisa melhorar a qualidade da carne que produz, problemas que podem ser eliminados, ou pelo menos reduzidos, com a profissionalização da gerências nas fazendas.

O consumo interno também cresceu consideravelmente, saltando de 30 quilos para 35 quilos por habitante/ano, de acordo com dados do IBGE.(2004) A relativa estabilidade dos preços, mesmo com o crescimento da demanda interna e do volume exportado, pode ser explicada por ganhos de produtividade e pela expansão da área produtiva.

O setor representa um segmento da economia de fundamental importância no contexto do agronegócio brasileiro. No Brasil, ao contrário do que está ocorrendo no resto do mundo deixou-se de investigar o comportamento de relações de demanda da carne desde meados dos anos 80. Até então, os estudos indicavam que as carnes de boi, de frango e suína eram consideradas produtos substitutos, conforme Brandt apud Lazzarini (1980) período 1947 a 1970; Silva et al (1977) – período 1964 a 1985.

A partir de meados dos anos 80, em razão dos efeitos conjuntos produzidos pela inserção da mulher no mercado de trabalho, a qual dispunha de tempo cada vez menor para cuidar da casa e preparar refeições e da reestruturação global da

indústria alimentar para atender a nova realidade do estilo da vida do consumidor e de suas preferências que mudaram na direção dos alimentos preparados (prontos e semi-prontos), generalizou-se o consumo de refeições prontas e semi-prontas, dando origem ao consumo de forma matricial, ou seja, a segmentação de mercado multiplica as opções de consumo, criado, para cada tipo de produto, um espectro de linhas diferenciadas que atende a espaços e perfis apropriados dos mercados de alimentos (MARTINELLI Jr., 1997; SANTANA apud, LAZARRINI, 1997). Este é um fenômeno mundial que está sendo determinado pelas grandes redes de alimentação rápida (fast-food) e pelos restaurantes de quilo (self-services), que, além de estimular, viabilizarão o consumo fora de casa.

Em função disso, as relações cruzadas de demanda de carne devem ter sofrido alterações, de acordo com as evidências de carne de frango e complementar de carne suína, nos Estados Unidos e Canadá (McNULTY ; HUFFMAN, 1992 apud McDOWELL, 1993) da carne do carneiro, na Austrália (PARK et al, 1990). Espera-se que, no Brasil, também esteja ocorrendo fenômeno parecido, uma vez que estas transformações se processam em âmbito mundial.

Uma evidência dessa tendência de consumo, no Brasil, é que o tempo gasto no preparo de refeições declinou nas últimas seis décadas, passando de 130 min, em 1930, para 15 min, em 1994 (AGRIANUAL, 1999). Em 1995; 96, os gastos em alimentação processados superavam os gastos em alimentos in natura, chegando a ser 3,5 vezes superior entre as famílias que ganhavam de 5 a 20 SM, no estado de São Paulo (tabela 1). A alimentação fora de casa é realizada nos restaurantes a quilo, nas redes de fast-food, nas churrascarias e nos restaurantes, onde o consumo de várias carnes é exercido simultaneamente. Esta tendência é crescente entre as classes de renda, da menor para as demais em alta renda, ao mesmo tempo em que a alimentação realizada em casa é decrescente (tabela 1). Vale lembrar que, mesmo no consumo realizado em casa, e a preferência é dada aos alimentos processados (prontos e semi-prontos), e muitos deles incluem mais de um tipo de carne na sua constituição.

Adicionalmente, Park e Capps Jr. (apud, 1997) encontraram relação de complementaridade entre alimentos processados e outros alimentos. Trazendo essa informação para o mercado de carnes brasileiro, pode-se esperar que a carne de frango complementar das carnes de boi e suína, dado que foi a indústria de frango que se modernizou, diversificou a produção e passou a frente no atendimento das necessidades do consumidor.

Basta dizer que, de 1990 a 1997, o consumo interno per capita de carne de frango apresentou um incremento de 77,61% (passou de 1,3 para 23,8kg/hab/ano), cerca de 1,7 vez o incremento conjunto no consumo de carne suína (de 32,35% - passou de 6,9 para 9 kg/hab/ano) e da carne de boi (de 13,21% - passou de 31,8 para 36,0 kg/hab/ano) (Anualpec, 1998; Agroanalysis, 1998).

Categoria de despesa	Renda baixa	Renda media	Renda alta
	Ate 5 SM	De 5 a 20SM	20 e mais SM
Despesas com alimentação	33,52%	24,10%	16,69%
Alimentação fora de casa	3,82%	5,61%	5,53%
Alimentação em casa	29,70%	18,50%	11,16%
Alimento in natura	9,73%	7,10%	3,71%
Alimento processado	23,79%	17,00%	12,98%
Carne in natura	5,02%	4,07%	1,99%
Carne de boi	3,65%	3,00%	1,56%
Carne de suíno	0,07%	0,16%	0,05%
Carne de frango	1,29%	0,92%	0,37%

Tabela 1 –gastos de alimentação das famílias de São Paulo, segunda a classe de renda, 1995; 1996.

Fonte; IBGE (1997). SM = salários mínimos.

Adicionalmente, é importante verificar que os gastos do consumo de carne in natura apresentam o mesmo comportamento de queda dos gastos totais de consumo de famílias de renda baixa, média e até alta de São Paulo, confirmando a lei de Engel, segundo a qual a proporção da renda gasta em alimentos declina com o crescimento da renda. As famílias de baixa renda gastam 33,52% de sua renda na alimentação, enquanto as de renda media gastam 24,10% , e as de renda alta gastam 16,69%(tabela 1). Essa tendência se confirma nos Estados Unidos, onde as famílias de baixa renda gastam 49% de sua renda em alimentação, comparado as de média renda, 24%, com as de alta renda, 16%(McDOWELL et al, 1997).

Em estudo recente sobre a tendência da alimentação para o ano de 2020, Rosegrant e Sombila (apud, McDOWELL, 1997) indica que o consumo de alimentação nos países em desenvolvimento deve anunciar nesse período em que os preços reais dos alimentos estão caindo mais rápido do que a demanda global de alimentos. Isso é um sinal

de que a segurança alimentar vai melhorar entre as camadas mais pobres e de que a forma de consumo matricial pode ser consolidada em todo o globo. Esta é mais uma razão que corrobora a hipótese de que as relações cruzadas da demanda de carne no Brasil mudaram.

2.1.7- MERCADO DA CARNE EXTERNO

Produção em alta, liderança nas exportações, investimento em sanidade, genética, alimentação e marketing. Nunca a pecuária brasileira esteve em momento mais favorável.

Há muito não se via a pecuária de corte no Brasil em um momento tão positivo como agora. Após se tornar líder mundial em exportações de carne bovina em 2003, o país, assume agora, postura agressiva para se consolidar no mercado externo.

Para o Brasil atender a demanda externa é preciso ousadia e um bom plano de marketing.

A pecuária brasileira vive um momento excepcional. Sinônimo de qualidade e sanidade, a carne bovina nacional amplia cada vês mais a participação no mercado internacional e o consumo interno também cresce ano após ano.

A expansão dos negócios da cadeia produtiva representa não apenas aumento do ingresso de divisas no país e garantia de renda aos empreendedores rurais. E, sobretudo, estímulo à geração de empregos e ao cumprimento de metas sociais do governo, como o: "Fome Zero". Projeções indicam que a pecuária continuará a contribuir para o crescimento das exportações agropecuárias.

A Previsão para este ano é de que as vendas externas tenham aumento de cerca de até 15%, ultrapassando as vendas de US\$ 1,5 bilhão registrada em 2003.

Assumimos a dianteira mundial nas exportações de carne bovina e, se tudo correr dentro do planejado, seguiremos como líderes nos próximos anos.

A crise da vaca louca nos Estados Unidos pode render ao Brasil uma conta de US\$ 600 milhões em exportações de carne bovina ainda neste ano. Segundo o ministro da Agricultura, Rodrigues (2004), o Japão sinalizou que poderá abrir seu mercado para a carne brasileira. A iniciativa, caso venha realmente a ocorrer, pode influenciar Taiwan e Coréia do Sul a rever a proibição de importação do produto nacional.

O aumento das exportações de carne bovina, no entanto, pode elevar o preço do produto no mercado interno, segundo avaliação do próprio ministro. Para Roberto

Rodrigues, o produtor brasileiro também será beneficiado pela venda de aves e de carne suína para o mercado americano, caso as negociações entre os países dêem certo. "Isso depende das negociações diplomáticas".

Segundo o ministro, a embaixada brasileira em Tóquio tem sido procurada para tratar do assunto. Os países asiáticos não compram a carne bovina brasileira por não aceitarem o sistema de erradicação da febre aftosa feita por regiões, embora esse modelo seja aceito pela Organização Mundial de Saúde Animal.

Nos EUA os consumidores percebem diferença em sabor e marmorização nas carnes e estão dispostos a pagar um preço *premium* por esta diferença. Esses resultados são interessantes para essas empresas de *agrobisnes* dispostas a criar marca, pois existem segmentos de consumidores dispostos a pagar por essa diferença. Além disso, os segmentos de maior educação são os que mais substituem as carnes bovinas, sugerindo que as empresas desenvolvam trabalhos específicos com este segmento de mercado.

No Canadá o consumo per capita de carne bovina caiu de 41kg para 31kg por habitante/ ano pelos seguintes fatores em ordem de importância: conscientizações da saúde, maiores preços da carne bovina, não entregar a qualidade desejada pelos consumidores, ausência de produtos para o consumo, ausência de propaganda e promoções.

Pesquisa realizada no Brasil trouxe o fator preço com o preponderante na hora da escolha pelo consumidor. Destaca-se ainda a baixa exigência do consumidor nacional em relação à qualidade de carne.

A maioria dos consumidores ainda trata a carne como um produto *commodity* não estando disposto a premiar produtos com maior grau de diferenciação, entretanto, esta postura já está mudando, com o surgimento de alguns segmentos de consumidores mais exigentes tanto no que se refere a aspectos de qualidade/ sanidade do produto quanto em relação aos seus atributos intrínsecos (maciez, conformação, sabor).

Alguns pesquisadores apontam para as alianças como importantes alternativas de coordenação na produção de carnes, com necessidade de incentivos equilibrados entre os participantes, entre diversas outras ações para implementação.

Na Europa, os seguintes aspectos aparecem em ordem de preferência, quando os consumidores foram perguntados a respeito da compra de carne: satisfação, nutrição/ saúde, preço, conveniência/ tecnologia. Quanto à qualidade da carne, o aspecto

origem da carne foi um dos destaques na pesquisa, seguido por condições de armazenagem, bem – estar e nutrição dos animais.

Finalmente, quanto à importância as informações transmitidas pela embalagem para indicar a qualidade, novamente a origem aparece como fator de maior importância, seguido por nome de corte, informações nutricionais, rastreabilidade (identificação da origem do produto e seu “caminho” até a mesa do consumidor), instruções para o preparo da carne, entre outros.

Ressaltam também a confiança em varejistas e suas marcas. Os fatores que aumentam a necessidade de informação por parte dos consumidores europeus de carne são o uso crescente de hormônio, de antibióticos preventivos e as crises da “vaca louca” na Inglaterra e dioxina na Bélgica.

Na Austrália devido à seca dos últimos anos, no entanto, os australianos não têm capacidade para atender novos países. Com isso, deixariam parte dos mercados da União Européia, do Leste Europeu, do Oriente Médio e ainda parte do asiático para o Brasil.

Mas, se houver forte queda do consumo nos Estados Unidos, os australianos, grandes exportadores para os norte-americanos vão transferir essa carne para o Japão e a Coréia do Sul, sobrando pouco para os brasileiros.

Em 2002, a Austrália exportou 386 mil toneladas de carne bovina para os Estados Unidos. No ano passado, o volume ficou próximo de 350 mil toneladas. Mas, se a um curto prazo, as perspectivas não são tão boas, o mesmo não ocorre, a médio e longo prazos.

Os japoneses e sul-coreanos correm sério perigo de abastecimento porque dependem apenas da carne dos EUA e terão de rever a política de não importar carne brasileira. O mercado de carne é unânime em afirmar que, quanto menor for o efeito do caso de gado com vaca louca nos Estados Unidos, melhor será para o comércio de carne bovina internacional. - Um caso prolongado e que não se resolva nos Estados Unidos será ruim até para o Brasil porque haverá desconfiança com a carne bovina. Esse é o momento de o Brasil acrescentar preços ao produto nacional.

Em 1999, a carne brasileira era exportada para 40 países. Em 2003, atingiu 114 nações. A partir de agora o país não precisa de grandes volumes, mas de preços. A venda de cortes especiais e embalados pode gerar preços e emprego para o país, acrescenta o presidente da Abiec.

2.1.8.- PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Ao aproximar-se desse final de século, a humanidade coloca em segundo plano os tratados e previsões escatológicas e busca, frente às transformações que vêm se processando, formas de produção que, além de produtivas, possibilitem uma convivência harmoniosa com a natureza.

No tocante aos sistemas de produção agrícolas, em geral, e de produção de carne, em particular, isto é sinônimo de estabelecimento de sistemas sustentáveis, ou seja, sistemas economicamente viáveis, socialmente justos, capazes de serem conservadores de recursos, como solo, água e recursos genéticos animais e ou vegetais, e produtivos, competitivos e eficientes.

Essas mudanças que vêm se processando nos sistemas de produção são frutos de transformações profundas que se fazem sentir nos diversos setores da economia como resultado de ajustes econômicos, sociais e políticos. A figura 01 possibilita uma visualização dos inter-relacionamentos existentes entre os diversos segmentos que devem ser levados em consideração quando da tomada de decisão em pecuária de corte.

Dentro deste contexto, pode-se visualizar que a pecuária de corte dos próximos anos, no Brasil, sem dúvida, será reflexo do processo de globalização em andamento no mundo. É importante ressaltar que apesar de este processo estar sendo propalado como sendo a globalização da economia, esta tendência é muito mais complexa e envolve modificações muito mais profundas, que são responsáveis pela reestruturação desde níveis e formas de informação, passando por mudança do estágio de conhecimento e culminando com o estabelecimento de um novo padrão de comportamento da sociedade como um todo.

Conseqüentemente, espera-se, em última instância, a formação do que pode ser denominado de um novo status de cultura global.



Figura 1. Sistema sustentado de produção de carnes.

Assim, qualquer tomada de decisão no setor de pecuária de corte não poderá ser concretizada sem se considerar toda a cadeia produtiva da carne ou, ainda, sem se analisar atentamente o contexto geral de ambiente, englobando, neste caso, além da disponibilidade de tecnologias, o mercado consumidor e suas exigências, o sistema de produção, o objetivo do empreendimento, a mão-de-obra disponível, a capacidade gerencial etc.

A pecuária nacional apresenta, a cada dia, maior inserção no mercado mundial, uma vez que sua produção tem base na criação a pasto e sem o uso de anabolizantes e outros aditivos químicos. Além disso, a realização de cruzamentos entre raças e a evolução do Nelore propiciam melhores resultados como ganho de peso rápido e boa capacidade de conversão alimentar. A participação do Brasil no mercado mundial de carnes também tem aumentado, em razão dos problemas fitossanitários ocorridos nos países concorrentes.

Assim, no campo do desenvolvimento genético e da produção, o Brasil tem atuação promissora. No entanto, quando se trata de comercialização, verificamos que o país pouco tem evoluído.

Nos Estados Unidos, existem dois contratos de mercado futuro de boi, um deles, denominado Gado Vivo (Live Cattle), é voltado para o hedge de novilhos, um contrato similar ao de bezerro no Brasil. O outro modelo, semelhante ao nosso contrato de boi gordo, (Feeder Cattle), que é voltado para o hedge dos animais criados no sistema de

confinamento. Com um rebanho de 95,550 milhões de cabeças, estes contratos apresentam cerca de 130 mil lotes em aberto.

O Brasil possui um rebanho, segundo a FNP, de 167,463 milhões de cabeças. No entanto, temos apenas 4.000 contratos em aberto, sendo que 3.400 lotes vencem em outubro de 2003. Estes números mostram que o país tem muito a crescer no mercado futuro, o que depende dos confinadores e criadores de bezerros.

Segundo os pecuaristas, o aumento de participantes e da quantidade de contratos em aberto nos mercados de boi gordo e bezerro encontram algumas barreiras como o ajuste diário, margem de garantia, especulação e “engessamento” da posição.

É importante, porém, o esclarecimento desses questionamentos. O ajuste diário é o único meio de permitir que o participante do mercado futuro saia a qualquer momento da posição tomada. Caso seja do interesse, o participante pode sair da posição minutos após entrar no mercado, realizando, assim, uma operação chamada day-trade ou operação no mesmo dia.

O pecuarista necessita de capital de giro para custear o ajuste diário. Por exemplo, o dinheiro pode ser obtido com a emissão de CPR (Cédula de Produto Rural), que será paga com a venda dos animais. A BM&F, com o Banco do Brasil, também criou um fundo – o FIF-BM&F – de investimento destinado ao ajuste diário e à margem de garantia. Dessa forma, é possível uma remuneração do capital disponibilizado para a operação. O FIF-BM&F é um fundo de investimento criado para dar rentabilidade ao capital disponibilizado para ajuste diário e margem de garantia.

Para que tenha caráter de renda fixa, seu indexador é 96% CDI.

A margem de garantia possibilita que todas as operações realizadas no dia sejam finalizadas, permitindo que nenhuma das partes fique sem receber o que lhe é devido. Essa margem pode ser depositada de diversas formas, inclusive em CPR, que pode ser adquirida e colocada na custódia da BM&F. Outro instrumento utilizado é a aplicação de CDB, operação realizada em qualquer banco e posteriormente vinculada à BM&F através de uma corretora.

A especulação, em seu sentido negativo, nos mercados futuros só ocorre quando há poucos participantes. Em um mercado pulverizado, o indivíduo não consegue o aumento de uma cotação sem base no mercado físico ou em alguma notícia relevante ao mercado, pois surgirão vendedores dispostos a aproveitar o melhor preço pago pela arroba do boi ou pela cabeça de bezerro.

Assim, o mercado seguirá o conceito do mercado de derivativos, em que a cotação do boi gordo ou do bezerro no mercado futuro deriva do físico.

O engessamento da posição ocorre no caso do mercado ter uma movimentação inversa à adotada pelo cliente, e este fica impossibilitado de sair de sua posição. Se ele faz a operação a, por exemplo, R\$ 58,00 por arroba para outubro de 2003 e o mercado acabam estabelecendo patamares mais altos como R\$ 63,00 por arroba, o pecuarista teria pagado R\$ 5,00 por arroba de ajuste no período, fato que traria problemas ao seu capital de giro.

Entretanto, o ajuste diário permite que o pecuarista “desmonte” a operação, saindo da posição a R\$ 60,00 por arroba, por exemplo, que seria o valor máximo de perda determinado por ele junto ao corretor.

Neste caso, o produtor ficaria fora do mercado à espera de um novo posicionamento e não teria prejuízo, já que no vencimento do contrato, o mercado futuro se iguala ao indicador, ou seja, ao mercado físico.

Então, se o preço no mercado futuro aumenta, conseqüentemente segue-se uma tendência que está sendo verificada no mercado físico. Este exemplo mostra a necessidade do participante do mercado futuro, que planeja fazer hedge e deseja trabalhar com flexibilidade quanto ao preço de fixação, esteja em contato diário com seu corretor.

2.2- RENTABILIDADE NA PECUÁRIA

O Brasil faturou US\$ 483 milhões com as exportações de carne bovina no primeiro trimestre deste ano, o que representa um crescimento de 51% em relação a igual período do ano passado (US\$ 319 milhões). Em volume, as remessas somaram 366,6 mil toneladas entre janeiro e março deste ano, 17% superior ao total exportado no mesmo trimestre de 2003 (312,5 mil toneladas).

Os dados são da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, 2000). Somente no mês passado, o Brasil remeteu ao mercado internacional 144 mil toneladas de carne bovina (com faturamento de US\$ 197 milhões), contra 103 mil toneladas em igual mês do ano passado (ou US\$ 108 milhões de faturamento).

O presidente do Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte da CNA, Nogueira, (apud LAZZARINI NETO, 2000) destaca que desde o ano passado há uma nítida recuperação dos preços médios de exportação.

Em março de 2003 a carne "in natura" enviada pelo Brasil ao mercado internacional era negociada por US\$ 1.663,00 a tonelada. Em igual mês deste ano, o valor médio vigente chegou a US\$ 2.217,00 por tonelada. Os pecuaristas brasileiros estão vivendo um confronto entre a necessidade urgente de modernização para competir com os países desenvolvidos e o não recebimento de apoio e subsídios dos governos: Federais, Estaduais e Municipais.

Tudo indica que tal injustiça continuará sendo enfrentada, pois os pecuaristas dos países desenvolvidos continuarão recebendo apoio e subsídios, já que dispõem de recursos, o mesmo não ocorrendo com o nosso Brasil. O enfrentamento de interesses entre os majoritários consumidores e os minoritários pecuaristas (estejamos ou não de acordo com esta tendência) será cada vez desfavorável aos pecuaristas. Sendo assim, só resta estabelecermos uma máxima "*Os conhecimentos emancipam os pecuaristas das dependências, os subsídios, as perpetuam*" (DON, 2004).

A lógica dessa questão esta embasada na política de governo que não prioriza a pecuária como fator de estabilização econômica do Brasil. O governo não se encontra, atualmente, em condições de proporcionar subsídios e protecionismo aos pecuaristas, além disso, tal procedimento teria o inconveniente de perpetuar a dependência dos pecuaristas com o estado, a cada ano ou ciclo da produção.

O mais lógico seria promover a eficiência dos pecuaristas, emancipando-os dessa dependência. Caberia aos pecuaristas identificar as ineficiências – Tecnológicas, gerenciais e organizacionais que impedem que tenham rentabilidade, competitividade e eliminá-las, já que o não atendimento de suas reivindicações é meramente devido à falta de recursos. E, ao governo, caberia proporcionar os conhecimentos e as habilidades que os agricultores necessitam para eliminar as causas das ineficiências.

Apesar do aumento das exportações de carne e da alta, no preço do produto no mercado internacional, no cenário interno o que se registra no início deste ano é aumento dos custos de produção e queda dos preços pagos ao criador.

Segundo Nogueira, (apud LAZZARINI NETO, 2000) estudos da CNA e do Cepea/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo) mostra que no primeiro trimestre deste ano o COT (Custos Operacionais Totais) aumentou 1,25%, enquanto que os preços pagos pelo boi gordo caíram 5,03%. "Isso significa perda de rentabilidade, o que gera desestímulo à atividade, pois insumos

importantes como, fertilizantes, medicamentos e suplementos minerais ficaram mais caros, enquanto que o valor oferecido pela arroba do boi caiu", afirmou ele. Produtores e criadores de gado brasileiros estão preocupados com o impacto das alterações na cobrança da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) sobre a competitividade do setor.

A mudança, em vigor desde 1º de fevereiro, elevou a alíquota da Cofins de 3% para 7,6%, e deve pressionar os preços dos insumos indispensáveis para a atividade pecuária, alerta o presidente do Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Existe um compromisso deste Governo de que não haveria aumento dos impostos. O Fórum exigirá que o Governo exerça uma fiscalização nos aumentos dos preços dos insumos decorrentes da mudança da Cofins, para que o setor não tenha novamente de pagar a conta de outros segmentos da economia", diz o representante da CNA.

Conforme os indicadores pecuários, estudos da CNA e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP), (2004) houve em janeiro de 2004 um aumento dos preços dos principais insumos pecuários, o que aponta uma antecipação do repasse do aumento da Cofins. O novo critério de não-cumulatividade da Cofins afeta mais fortemente setores que dependem de matéria-prima importada, o que ocorre no ramo de alimentação animal e fertilizantes, essenciais para o bom desempenho das pastagens e, portanto, da boa criação pecuária.

Os Indicadores Pecuários apontam que o Custo Operacional Total (COT) da pecuária de corte subiu 0,29% em janeiro, enquanto que o preço pago pela arroba do boi caiu 0,89% no período. Isso significa perda de renda para o produtor, o que vem ocorrendo desde o ano passado. Entre março e dezembro de 2003, o COT subiu 6,92%; enquanto que os preços pagos pelo boi aumentaram apenas 1,85%. Segundo Nogueira, essa redução da rentabilidade desestimula a atividade em médio prazo, podendo comprometer expectativas de expansão de rebanho. Um dos sinais de desestímulo à atividade apurado pelos Indicadores Pecuários, da CNA e Cepea/USP, foi, a queda do interesse por investimento em pastagens.

O mercado de sementes de forrageiras, insumo utilizado exclusivamente pela pecuária, apresentou preços estáveis ou até mesmo em queda em janeiro, época em que os produtores realizam compras desse produto. "Isso demonstra o desinteresse nos investimentos em melhoramento das pastagens" Os gastos com pastagem representam

12,65% do custo total da pecuária de corte. O estudo considera rebanhos dos nove principais Estados produtores de carne bovina do País: Goiás; Minas Gerais; Mato Grosso; Mato Grosso do Sul; Pará; Paraná; Rio Grande do Sul; Rondônia e São Paulo.

Ao mesmo tempo em que o cenário interno indica a necessidade de ajustes positivos para a produção primária de carne bovina, o setor apresenta bons resultados no desempenho de exportação. No primeiro bimestre deste ano, o Brasil vendeu ao Exterior 222,8 mil toneladas (pelo conceito de equivalente-carcaça), em crescimento de 6,5% na comparação com as 209,2 mil toneladas exportadas em igual período do ano passado. O faturamento do setor, nos dois primeiros meses deste ano, foi de US\$ 285,5 milhões, crescimento de 35,2% na comparação com os US\$ 211,1 milhões de igual período de 2003.

Nogueira (apud DON, 2004) ressalta que o resultado de faturamento apresentou bom índice de crescimento devido à recuperação dos preços médios de exportação. A carne bovina in natura exportada no primeiro bimestre deste ano foi negociada a valor médio de US\$ 2.062,69 por tonelada, uma elevação de 33,45% na comparação com o valor médio de US\$ 1.545,62 por tonelada vigente no primeiro bimestre de 2003.

O Egito foi o principal comprador de carne bovina brasileira neste primeiro bimestre, com 24,2 mil toneladas (frente 13,2 mil toneladas em igual período do ano passado), o que rendeu faturamento de US\$ 35,4 milhões (contra US\$ 14,9 milhões, em janeiro e fevereiro de 2003). Com esse resultado, o Egito superou o Chile na condição de principal comprador internacional de carne bovina do Brasil.

2.3 TENDÊNCIAS

Segundo estimativa da FNP, (2004) as remessas do setor devem ultrapassar 1,6 milhão de toneladas em 2004, com faturamento em torno de US\$ 1,8 bilhão. No ano passado, o Brasil foi o principal exportador mundial de carnes, com vendas externas de 1,3 milhão de toneladas de carne bovina e faturamento de US\$ 1,5 bilhão, segundo dados da CNA.

No período de 12 meses encerrado em março deste ano, as exportações de carne bovina já somam faturamento de US\$ 1,67 bilhão, o que representa crescimento

de 45% sobre o total de US\$ 1,149 bilhão obtido nos 12 meses anteriores entre abril de 2002 e março de 2003.

O período de glória da soja tem os dias contados e o produto já tem substituto: a pecuária. Não que a produção de soja vá sofrer um revés. Vai continuar crescendo, mas deve entrar em uma fase de preços bem menores do que os atuais nos próximos anos, assim que os estoques mundiais forem repostos e a produção voltar a ficar equilibrada com o consumo.

Já a carne bovina vai começar a ter uma fase de forte demanda, coincidindo com um período de redução dos rebanhos nos principais países produtores devido ao aumento no abate de fêmeas. Vai ganhar dinheiro quem conseguir uma integração entre a produção de soja e a pecuária.

Esse é o cenário mostrado no estudo do "Anualpec" (2004), uma publicação da FNP Consultoria Agro informativos, especializada em pecuária. Victor Abou Nehmi Filho, diretor da FNP, diz que, após 20 anos de estabilidade e, em alguns anos, até de queda, o consumo de carne se recupera e volta a crescer.

De 1994 a 2001, o comércio mundial de carne bovina girou à média anual de 5,72 milhões de toneladas. Neste ano já deve chegar próximo dos --talvez até superar-- 7 milhões de toneladas. Esse aumento de demanda ocorre em um período em que todos os principais rebanhos mundiais estão com redução, o brasileiro, o maior do mundo em termos comerciais, fecha o ano em 165,9 milhões de cabeças. No ano passado estava em 168,1 milhões. Outra importante queda de rebanho ocorre nos Estados Unidos, onde o número de animais é de 95,1 milhões de cabeças, quase 7,7 milhões a menos do que o de há dez anos.

Essa redução nos principais rebanhos mundiais já começa a influenciar os preços, que mostram forte elevação.

No início do ano passado, a tonelada de contrafilé, um dos cortes carro-chefe na exportação brasileira, estava em US\$ 1.800. Já subiu para US\$ 4.200 no mercado externo. No mesmo período, uma tonelada de alcatra subiu de US\$ 1.600 para US\$ 3.700. Com a escassez mundial de carne, o Brasil passou a ser a solução para o mercado internacional, diz Nehmi.

O país ficou isento de problemas sanitários como o mal da vaca louca ou novos focos de febre aftosa. Com isso, o volume de carne brasileira exportada subiu de 376 mil toneladas há dez anos para o atual 1,5 milhão de toneladas. A participação

nacional no mercado externo subiu de 6,7% para 21,4% no período. Nehmi (apud McDOWEL, 2003) diz que essa inserção do Brasil no mercado externo vai fazer com que os preços internos, hoje abaixo dos externos, sigam um padrão internacional nos próximos anos. A carne é uma das poucas commodities brasileiras cujos preços internos não seguem os do mercado externo. "Essa situação vai mudar", diz Nehmi (apud McDOWEL, 2003).. Até 2000, o Brasil não aumentava as exportações por um problema de logística. Os produtos brasileiros, que atingia apenas 40 países, hoje chega a 120 e não se exporta mais porque não há boi dentro dos padrões de exportação.

Prevendo dificuldades de abastecimento na entressafra, alguns frigoríficos já oferecem R\$ 70,00 por arroba de boi rastreado para outubro. A soja vive momento diferente do da carne. A oferta é constante, com ampliações de áreas no Brasil e na Argentina. Os preços, hoje próximos de US\$ 9,50 por bushel (27,2 quilos) na Bolsa de Chicago, devem recuar para US\$ 6 por bushel assim que os estoques internacionais voltarem aos níveis normais.

Atualmente, os estoques representam apenas 13% do consumo mundial, a quarta pior relação na história dessa commodity. Um número aceitável é de 20%, segundo estimativas do mercado.

Nehmi (apud McDOWEL, 2003) reconhece, no entanto, que a pecuária precisa evoluir para competir com a soja. Hoje o rendimento líquido da pecuária é o equivalente a cinco sacas de soja por hectare.

Já o produtor de soja que produz 50 sacas por hectare tem rendimento líquido de 20 sacas. Com o retorno da soja aos preços históricos e o aumento dos custos, o rendimento do sojicultor deve recuar para 10 a 15 sacas, um patamar, que vai ser facilmente atingido por uma pecuária mais tecnificada a que utiliza mais animais por hectare.

O estudo revela que para elevar a rentabilidade, o produtor deve associar o cultivo de soja com a pecuária. Manter um terço de pastagens e dois terços de agricultura e fazer a rotação a cada dois anos. Nehmi (apud McDOWEL, 2003) diz que os custos das lavouras de soja serão crescentes, com aumento de fretes e dos insumos. A margem de ganho deverá cair. Isso não deverá acontecer com a pecuária, que tem, inclusive, um perigo menor na ocorrência de climas desfavoráveis.

Para o diretor da FNP, os pecuaristas que ainda não foram atraídos pela soja não devem fazê-lo agora. Os animais ainda estarão com preços baixos nos próximos

90 dias e este é o momento para a formação de rebanho. "Essa relação nunca esteve tão favorável", acrescenta.

Por outro lado, o analista afirma que, para o sojicultor, este é o momento ideal para a compra de boi. A partir de agora, cada vez mais o boi deve subir e a soja cair, ficando mais onerosa, a integração soja-pecuária.

2.4 SISTEMA DE INFORMAÇÃO

Sistema de informações gerenciais é um sistema de pessoas, equipamentos, procedimentos, documentos e comunicações que coleta, valida, executa operações, transforma, armazena, recupera e apresenta, dados para o uso do planejamento, orçamento, contabilidade, controle e outros processos gerenciais para vários propósitos administrativos.

Sua finalidade transcendeu uma orientação para o processamento de transação, em favor de uma orientação para tomadas de decisões gerenciais (Schwartz, 1997, p. 4).

Segundo Davis, (apud LAZZARINI NETO, 2000, p.11) é um sistema integrado homem-máquina que provem informações para dar suporte as funções de operações, administração e tomada de decisão na empresa.

O sistema de informações gerenciais é uma combinação de pessoas, facilidades, tecnologia, ambiente, procedimento e controles, com os quais se pretende manter os canais essenciais de comunicação, processar certas rotinas típicas de transações, alertar os executivos para a significância dos eventos externos e internos proporcionado uma base para tomada de decisão inteligente.

2.5- ESTRATÉGIAS DE FONTES ECONÔMICAS CONFINAMENTO

Desde o início dos anos 90 a pecuária segue o exemplo da agricultura que, com um avanço de duas décadas, passou por uma profunda fase de transformação.

Hoje, a agricultura de precisão já conquistou a grande maioria dos operadores daquela atividade. Na área da pecuária, o tema dos dias de campo, vem realizando ao longo de quase uma década, e refletem as sucessivas etapas da mudança

estrutural que revolucionaram a produção de carne bovina e que precisam ser divulgadas para um público cada vez maior. São estas:

- Manejo do pasto através de sistemas rotacionais [divisão e hidráulica]
- Produção de forragem intensificada através de adubação dos pastos
- Aceleração da produção através da pastagem deferida e da suplementação no pasto.
- Aceleração da engorda através da utilização de raças precoce [foco na genética]
- Acabamento com qualidade e com foco para épocas anticíclicas através do confinamento

Todas estas tecnologias encontram-se à altura das chamadas 'melhores práticas' internacionais. Tanto na tecnologia das plantas e da genética animal como no domínio de sistema, técnicas de manejo dos pastos e do rebanho, as principais inovações já foram consagradas em um número apreciável de empresas de ponta, nas mais diversas regiões do País. Não é preciso inventar nada!

Tudo está disponível e espera apenas para uma aplicação adequada ao perfil individual de sua fazenda. E aí começa o desafio que ocupará as discussões durante os próximos anos.

Uma análise da evolução das curvas do preço do boi (redução) e do custo de produção na fazenda (aumento) revela que as margens têm atingido um nível crítico para a reposição da capacidade produtiva das propriedades. Tornou-se cada vez mais difícil acumular reservas necessárias para os investimentos na modernização e para o crescimento da atividade. Paralelo a este fenômeno de aperto econômico da pecuária surgiu, e surgirá cada vez mais, um 'novo ator' no segmento bovino.

Trata-se do chamado Investidor Institucional com acesso quase ilimitado a fundos para o capital de giro e com uma mentalidade de negócio bem diferente do pecuarista tradicional.

Porém, não adianta reclamar! A estratégia correta é (1) focalizar na capacidade técnica acumulada na fazenda ao longo dos anos e (2) reforçá-la com a incorporação das 'melhores práticas' disponíveis no mercado e, de resto, (3) tentar compreender e imitar a visão gerencial inovadora destes novos investidores.

O gráfico 'Caminhos para a Pecuária de Performance' indica a direção da transformação já em larga escala em curso nas pecuárias de ponta no Brasil:

- Aumentar o rebanho [fazer mais daquilo que já se faz] [com capital de giro adicional]
- Acelerar/encurtar o processo de produção [fazer mais rápido o que já se faz] [tecnologia]
- Intensificar e integrar o negócio da pecuária como um todo [fazer melhor] [gestão]

Para beneficiar-se das práticas avançadas das empresas líderes é preciso: [1] planejar a estratégica com um horizonte maior, [2] selecionar as tecnologias adequadas para o processo de produção apropriado para as circunstâncias específicas da sua propriedade (consultando a literatura ou trabalhar com empresas de assessoria), [3] capacitar o pessoal da fazenda nos domínios do manejo técnico, do gerenciamento de custos e na utilização da informática, [4] criar mecanismos ágeis de controle e acompanhamento 'à distância' através de programas de software específicas e do uso da Internet e [5] ficar plugado no grande 'debate nacional' sobre a reestruturação da cadeia produtiva de carne.

Quando as margens são apertadas, a ordem do dia é 'controlar custos', 'conquistar nichos de mercado' através de um produto de qualidade e da confiabilidade (prazos e constância no produto).

2.6 CONFINAMENTO

É chamado de "confinamento" o sistema de criação de bovinos em que lotes de animais são encerrados em piquetes ou currais com área restrita, onde os alimentos e água necessários são fornecidos em cochos. Assim sendo, o sistema de confinamento pode ser aplicado a todas as categorias do rebanho. Contudo, o confinamento é mais propriamente utilizado para a terminação de bovinos, que é a fase da produção que imediatamente antecede o abate do animal, ou seja, envolve o acabamento da carcaça que será comercializada. A qualidade do produto (bovino) produzido no confinamento é assim dependente das outras fases da produção.

Bons produtos de confinamento são animais sadios, fortes, com ossatura robusta, bom desenvolvimento muscular (quantidade de carne) e gordura suficiente para dar sabor à carne e proporcionar boa cobertura da carcaça. A produção de animais

terminados em confinamento pode ser feita por proprietários de rebanhos ou por produtores comerciais.

Produtores ou confinadores comerciais são aqueles que recebem animais de proprietários de rebanhos, produzem ou adquirem alimentos, têm instalações e, engordam os animais recebidos de terceiros em sistema de parceria na produção, aluguel de instalações e vários outros sistemas de contrato.

O confinamento de bovinos por proprietários de rebanhos ou fazendeiros traz consigo as seguintes vantagens:

- (aumento da eficiência produtiva do rebanho, por meio da redução na idade de abate e melhor aproveitamento do animal produzido e capital investido nas fases anteriores (cria-recria)).
- (uso do gado como mercado para alimentos e subprodutos da propriedade; (uso da forragem excedente de verão e liberação de áreas de pastagens para outras categorias, durante o período de confinamento));
- (uso mais eficiente de mão-de-obra, maquinários e insumos; e, (flexibilidade de produção), (se os preços não forem compensadores, pode optar por não confinar)).

No Brasil, o confinamento é, como regra, conduzido durante a época seca do ano, ou seja, durante o período de entressafra da produção de carne. Os animais são comercializados no pico da entressafra quando então tendem a alcançar melhores preços.

2.6.1- O SISTEMA DE ENGORDA EM CONFINAMENTO

Podem ser alimentados em confinamento bezerros desmamados (recria-engorda), novilhos e novilhas em recria, bois magros, garrotes e vacas boiadeiras (de descarte).

A recria-engorda em confinamento pode produzir um animal jovem e acabado, dito "novilho precoce". Vacas boiadeiras, em boa condição e bom estado sanitário, respondem bem à engorda em confinamento, pois são animais adultos com baixa exigência nutricional relativamente a outras categorias.

Contudo, é mais freqüente a utilização de novilhos recriados para a engorda em confinamento. O importante é que, após o confinamento, os animais

apresentem condições de abate, uma vez que não é recomendável que animais confinados retornem às pastagens. A terminação em confinamento depende de:

- Fonte de animais para terminação;
- Fonte de alimentos e;
- Preços e mercado para o gado confinado.

A partir disso, podem ser enumeradas como condições básicas para a adoção do sistema de engorda em confinamento, o que segue: - disponibilidade de alimentos em quantidade e proporções adequadas; disponibilidade de animais com potencial para ganho de peso; e gerência (planejamento e controle).

Qualquer uma dessas condições quando não atendida provocará prejuízos ao produtor.

2.6.2 - CONTROLE E GERENCIAMENTO

Obviamente, o planejamento inicial é a base para a implantação e desenvolvimento da engorda em confinamento. No planejamento inicial é importante que sejam considerados aspectos relativos à infra-estrutura (instalações, energia elétrica, fonte de água, estradas) mercado (tipo e preço de animais a serem comprados e vendidos), mão-de-obra (peões de campo, assessoria ou consultoria técnica específica), meio ambiente (localização de áreas de plantio, direção dos ventos, presença de córregos ou vilas próximos etc.) e atividades essenciais (preparo de culturas forrageiras, conservação de forragem, aquisição de alimentos, suplementos, animais, medicamentos etc).

Estudadas as várias alternativas possíveis e suas melhores combinações, é definido o plano de ação a ser implementado. Contudo o acompanhamento e o controle constante da atividade é essencial para o progresso do empreendimento.

O acompanhamento implica na observação diária do andamento da atividade (comportamento dos animais, dos horários e quantidade de alimentos fornecidos, do desempenho e habilidades da mão-de-obra, do funcionamento de máquinas e implementos etc.).

O controle além da parte derivada do acompanhamento, deve incluir anotações e registros próprios de custos e receitas, (aquisição de animais, alimentos e medicamentos, pagamento de fretes, de mão-de-obra, preparo de áreas e colheita de forragens, venda dos animais, de esterco etc.), de informações sobre a procedência e peso

vivo inicial dos animais; início e término do período de engorda; tratos sanitários feitos, frigorífico comprador etc.).

O acompanhamento deve prover informações suficientes para indicar e embasar necessidades de ajuste no transcorrer de um período de engorda.

O controle servirá de base para a avaliação do negócio ou do plano escolhido como um todo, de forma a permitir seu aprimoramento ou indicar modificações para as engordas seguintes.

Só será possível progresso no empreendimento se a gerência do processo for tão eficaz quanto as atividades intermediárias, como escolha do animal e balanceamento de rações, por exemplo.

3- A EMPRESA

EMPRESA: FAZENDA UNIÃO I

ATIVIDADE: AGROPECUÁRIA

PROPRIETÁRIO: ANTONIO ALONSO DA MOTA PAES

Em meados de 1998, o Senhor ANTONIO MOTA, adquiriu uma fazenda de 11 alqueires, para a prática de engorda intensiva de bovinos, porém a fazenda não tinha nenhuma instalação e plantio que facilitasse a prática do confinamento.

No primeiro ano, foram confinadas 200 cabeças no período de 90 dias.

Em 1999, foram plantados 06 alqueires de cana-de-açúcar, para evitar o transporte que alteraria os custos e foram confinadas 400 cabeças, no período 100 dias, consumindo aproximadamente 25% da área plantada, sendo que os 75% restantes foram vendidos para a destilaria PITE S.A., por ser o primeiro ano, o rendimento do corte foi menor.

Já em 2000, o confinamento foi ampliado e saltou para 650 cabeças de gado, consumindo 50% de todo o canavial.

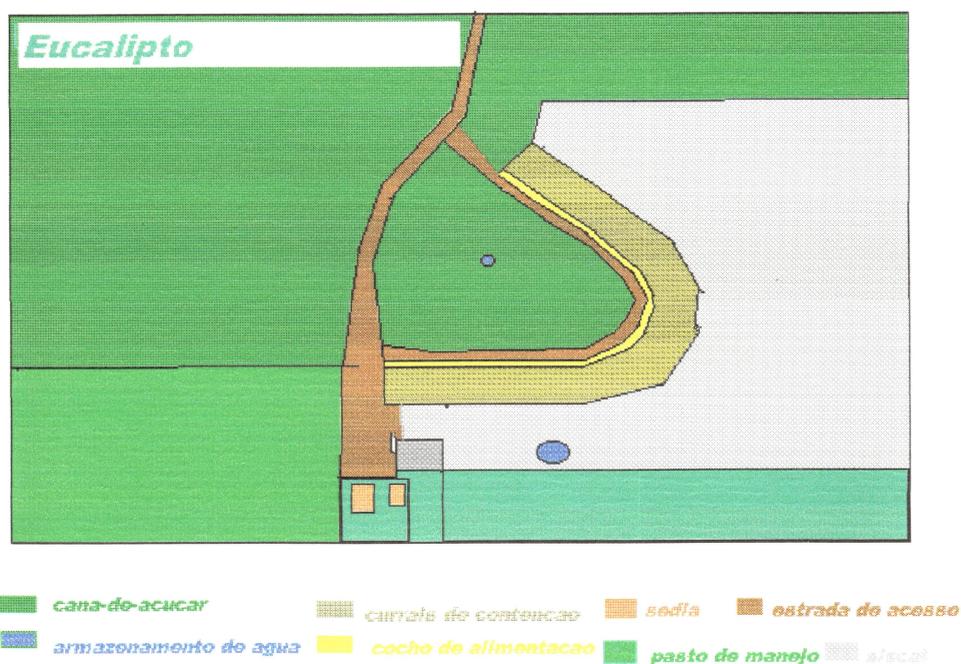
Neste ano, a CRV foi a compradora do restante, melhorando os resultados, já que a cana estava adubada com todo esterco do confinamento do ano anterior e ainda em função de estar a cada no seu segundo ano e sofrer, portanto uma rebrota maior.

No ano de 2001, o confinamento atingiu 1200 cabeças de gado, levando o consumo do canavial para 70%, e outra vez a CRV, foi a compradora dos 30%.

Adiante, no ano de 2002, foram confinadas 1300 cabeças de gado, consumindo um total de 80% da cana plantada, fazendo com que os 20% que restaram fossem vendidas novamente para a USINA CRV.

O proprietário da fazenda UNIÃO, Sr. ANTONIO MOTA, aconselhado pelo professor: MÁRIO LÚCIO DE ÁVILA decide, implantar o programa PRODAP sistema de informação e gerenciamento de fazendas, de forma a obter um controle eficaz das operações que envolvem a fazenda. Com tal implantação o ano de 2003 teve uma vantagem de gerenciamento em diversas tomadas de decisões, e foram confinados 1420 cabeças consumindo um total de 90% do canavial, e o restante, foi induzido à própria fazenda, com o intuito de alimentar as criações, como porcos e carneiros e ate triturando para uma ração de frango melhorada desenvolvida na própria fazenda, para consumo próprio.

CROQUI DA PROPRIEDADE



A UNIÃO I completou no dia 20/09/2003, os seus 05 (cinco) anos.

MISSÃO

Para UNIÃO I, a missão é aumentar o custo de oportunidade da terra, com o uso da tecnologia e intensificação, gerar divisas e tecnologias, confinar 2000 (duas mil) cabeças de boi/ano.

VISÃO

Produzir qualidade e quantidade através da intensificação da produção.

A EMPRESA COMO UM SISTEMA

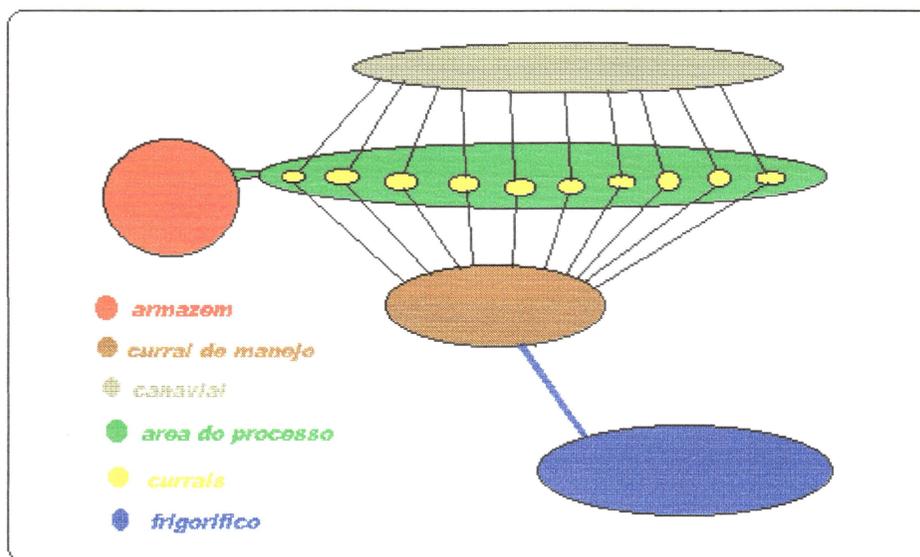
SISTEMA

Para UNIÃO I, o sistema é composto por uma equipe de 10 (dez) pessoas internas e 10 (dez) pessoas externas, sendo elas, produtoras de insumos, empresas especializadas na venda dos animais e assistência técnica. Por ser uma empresa de pequeno porte, ela está dividida em apenas três áreas: Gerência Geral, Gerência do Corte e Gerência da Mistura; os aspectos gerenciais e produtivos da fazenda são acompanhados através do Sistema PRODAP de controle informatizado para fazenda.

Componentes:

Objetivos da UNIÃO I: através da intensificação, produzir uma rentabilidade que justifique o custo de oportunidade da terra; grande volume de carne em custo baixo e com qualidade superior.

ENTRADAS DO SISTEMA LAYOUT DO SISTEMA



Para Oliveira (1999, p.52), as entradas do sistema cuja função caracteriza as forças que fornecem ao sistema o material, a informação, a energia para operação ou processo, o qual gera determinadas saídas que devem estar em sintonia com os objetivos estabelecidos.

Existe uma rede de conhecimentos que cada vez mais se multiplica. Precisamos, então, assumir o contexto em que vivemos, o futuro se somará ao passado, ao presente, evitaremos grandes perdas e seremos vencedores.

São contratadas as pessoas que trabalharam no ano anterior, pois já adquiriram certa experiência na área.

A compra dos insumos são programadas e estocadas no armazém, próximo ao cocho (farelo de soja, sal mineral, uréia agrícola, milho, sorgo e outros produtos substitutos), os animais são vermifugados, e recebem uma dose de probiótico, para evitar o estresse e aumentar o apetite.

PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

No confinamento a função que Possibilita transformação e um pouco complexa, pois são várias etapas de concluem o produto final o boi gordo.

Os insumos são estocados no armazém, (galpão) onde a ração é fabricada segundo a recomendação do medico veterinário responsável.

Os medicamentos são armazenados na farmácia, no curral de manejo.

Todos os animais, logo que chegam à fazenda são apartados de acordo com os seguintes itens: escore do animal, idade, raça.

O lote apartado é submetido à pesagem e a identificação com o uso do brinco rastreado, e aplicado os seguintes remédios, lombrigueiro, modificador, probiótico via oral.

A cana é cortada em meados de junho, pois está em ponto de maturação, é feito um teste de degustação, para descobrir qual lerão está mais maduro, e este será o primeiro a ser cotado.

Cada cortador recebe dois podões, e cada dia deve-se utilizar um, deixando o outro desinfetando no tambor de desinfetante.

A cana deve ser cortada rente a terra, para não prejudicar as raízes.

O tratorista tem a obrigação de cuidar das gemas da cana. não andando com o trator sobre o suco”.

A cana já encilada deve ser distribuída no cocho de maneira uniforme e continua.

A ração proteinada é distribuída a cada meia hora induzindo o animal a vir no cocho mais vezes ao dia.

SAÍDAS DO SISTEMA

Para UNIÃO I, as saídas se concretizarão logo após a venda para o frigorífico. Os animais passarão pela pesagem e será verificado o gráfico do ganho de peso do animal no período de 90 (noventa) dias, se o gráfico permanecer, o animal irá para o frigorífico, se o gráfico estiver ascendente, o animal voltará para o cocho.

Depois do abate, o frigorífico emite uma nota da relação de peso dos animais abatidos, e será feita uma comparação em relação à última pesagem, essa análise mostrará se é possível realizar futuras negociações.

Os suínos, criados no sistema SISCAL “Sistema de Criação dos Suínos ao Ar Livre”, é utilizado como reaproveitamento das sobras e resíduos gerados no confinamento, sua alimentação é à base de capim, cana-de-açúcar, mandioca e os resíduos do confinamento.

CONTROLE

Para a UNIÃO I, o controle é feito com auxílio do programa PRODAF PROFISSIONAL, onde todos os insumos que são comprados no decorrer do confinamento passam pelo arquivo de entradas. A pesagem dos animais é o espelho do andamento do confinamento, pois os animais são pesados no dia em que chegam na fazenda e é feita uma seleção, com base nos seguintes aspectos: raça, score e idade.

A pesagem é repetida a cada trinta dias, e verificado, se o peso está na média estipulada para o lote. O cocho é controlado por uma pessoa que tem, a responsabilidade de fornecer o volumoso in natura diariamente.

FEEDBACK/ RETROALIMENTAÇÃO

O próprio frigorífico fará o feedback final, cobertura de carcaça e aceitação de mercado.

Porém, a cada trinta dias, é feita uma análise do ganho de peso dos animais e estipulada uma meta proporcional ao desempenho do lote, então podemos dizer que a retro alimentação será feita mensalmente.

ANALISE AMBIENTAL

A UNIÃO I firma em mercados passados para entender e fazer projeções futuras e facilitar a tomada de decisão.

AMBIENTE GERAL

Para Oliveira (1999), é conjunto bastante dinâmico em que constantemente grande, de forças, diferentes que mudam a cada momento, pelo fato de cada uma dessas forças interferir com influências e interagir com as demais forças do ambiente geral, são divididos em:

- Subsistem, é o todo, e sistema é o subsistema dele.
- Ambiente geral nesta fase também denomina auditoria de posições, onde deve se determinar “como se está”, analisar e verificar todos os aspectos inerentes a sua realidade interna e externa.

Componente Social

A empresa contribui de forma significativa, pois oferece emprego no período de 120 (cento e vinte) dias às pessoas que não tem emprego fixo.

Componente Político

A empresa esta sempre atenta às mudanças que ocorrem na política, não envolve diretamente com a política local, se mantendo afastada desses movimentos.

Componente Legal

A empresa cumpre com os deveres e obrigações legais: impostos municipais, estaduais, federais e trabalhistas.

Componente Tecnológico

Tecnologia envolve a soma dos conhecimentos acumulados a respeito de como fazer as coisas inclui, invenções, técnicas e aplicações.

A empresa tem buscado novas tecnologias para a área de produção, preocupada com a redução de custo no seu processo produtivo.

O homem e a tecnologia caminham juntos, possibilitando-o, a chegar em lugares nunca antes permitidos.

Componente Econômico

A UNIÃO I tem buscado através dos anos chegar ao nível de produtividade que alimente a necessidade de lucratividade e benefício.

Para isso, plantou 03 (três) alqueires de cana-de-açúcar, próximo ao estábulo para minimizar o tempo percorrido e poder chegar à estimativa de 2000 (duas mil) cabeças/ano.

Componente Demográfico

A empresa está localizada a uma distância de: 02 (dois) km da cidade, livre do acesso de pessoas e de fácil acesso aos funcionários, compradores e visitantes.

Componente Ecológico

A empresa tem um diferencial, possui uma grande área plantada em cana de açúcar, “grande purificadora de gases nocivos aos seres humanos”, da qual é cortada sem a “queimada”.

Toda a produção de esterco é reaproveitada no trato de suínos que estão convivendo junto ao confinamento e esterco é devolvido ao canavial, em forma de adubação direta.

A cinza produzida na CERÂMICA MOTA é usada na correção de potássio do canavial.

Recicla-se todo o material gerado no período do confinamento.

Os sacos de uréias são lavados e reaproveitados para embalar os suínos que são vendidos limpos.

Componente Cliente

A UNIÃO I possui como clientes, os frigoríficos e alguns açougues, exemplo: Goiás Carne, Frimas, Margem, Bertin e açougues do município.

COMPONENTE CONCORRENTE

A empresa enfrenta uma grande concorrência, por sua produção ser carne bovina e existir uma grande corrida das outras carnes concorrentes (frangos, suínos, caprinos, ovinos e outros), que trazem o marketing de melhor qualidade do que a bovina.

COMPONENTE MÃO-DE-OBRA

A empresa utiliza mão-de-obra local com treinamento dentro da própria empresa, sendo fiscalizada pelo veterinário, que também é responsável pela venda do mineral.

COMPONENTE FORNECEDOR

A empresa tem excelente relacionamento com seus fornecedores, existindo uma forte ligação, pois os fornecedores que são parceiros, desde a sua constituição, promove fonte de informação confiável para novos fornecedores, dando maior credibilidade à empresa, que sempre busca conhecer novos fornecedores e novos produtos, com a preocupação de conhecer o que cliente final deseja.

Existem fornecedores mais antigos como: Tortuga, Integral, Valle, Ouro Fino, etc.

ADMINISTRAÇÃO GERAL

A empresa identifica-se com uma mistura de Taylor e Fayol (apud SILVA, 1987) pelos seguintes aspectos observados: administração centralizada, padronização de tarefas, tomadas de decisões descentralizadas.

AMBIENTE INTERNO

A união I está entre uma das fazendas, referência em qualidade e produtividade.

ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

Planejamento

A empresa tem planejamento informal, pois está baseada no processo de tentativa de erro, cada lote de animal terá o seu desempenho atribuído no decorrer do confinamento. A produção e produtividade são reguladas através de experiências passadas e vivenciadas no seu dia a dia.

O planejamento do **lay out** deve ser inteligente e compacto, de maneira que, aproveite toda a diversidade de terreno e declive da fazenda: o curral de contenção deve ter uma declividade de 30% e coxo de água deve permitir que vários animais bebam na mesma hora, o armazém deve estar próximo aos currais, a cana também poderá estar o mais próximo possível dos currais para facilitar o transporte da cana cilada e o transporte do esterco produzido, todo confinamento possui sua característica que se adapta a cada fazenda utilizando seus recursos naturais.

ORGANIZAÇÃO

Para UNIÃO I, o seu processo organizacional está relacionado entre todos os componentes e funcionários, porque os mesmos são dependentes de cada processo.

DIREÇÃO

A empresa possui um quadro de funcionários que está apto a trabalhar em equipe e todas as áreas devem acompanhar o andamento diário evitando transtornos no decorrer do confinamento. Para isso, todos os finais de semana é feito um aprimoramento e treinamento para evitar acontecimentos negativos na semana seguinte.

CONTROLE

A empresa utiliza como ferramenta o programa PRODAF, onde as metas estão estipuladas e todos os funcionários estão a par dos acontecimentos. Este programa controla todas as entradas e todo o ganho de peso dos animais no período estipulado, auxilia na tomada de decisão e supervisiona o confinamento em geral.

ADMINISTRAÇÃO DE MATERIAIS

Para a empresa, a administração de materiais está diretamente ligada à gerência geral, pois a mesma facilitará todo o processo de produção e logística do confinamento.

PADRÃO DE QUANTIDADE

A empresa faz uma projeção de quanto irá produzir ou consumir no período, o pedido será feito de forma que o primeiro lote vendido pague as despesas.

QUALIDADE

A qualidade do confinamento está relacionada a uma série de fatores, dentre os quais encontramos alguns na UNIÃO I: maior quantidade de boi por funcionário, grande ganho de peso diário, baixa perda durante o confinamento, melhor cobertura de manteiga em relação à média, baixo índice de stress dos animais, etc.

TEMPO

Para a UNIÃO I, o tempo é um dos principais diferenciais para conseguir uma boa qualidade e melhor desempenho, do início até o final do confinamento, os animais recebem as refeições nas mesmas horas, evitando alguns transtornos e distúrbios dos animais.

CUSTO

A empresa estipula um custo por período ou diário onde cada animal, na hora da execução da venda, tem o seu custo individual. Através deste controle no final do confinamento, a empresa obtém uma média geral do custo.

BENS PATRIMONIAIS

Os bens que compõem o confinamento são:

- 01 (um) Trator Valmet 885 turbo;
- 02 (duas) Enciladeiras Nogueira;
- 01 (um) Moedor de grãos;
- 20 (vinte) Extratos;
- 01 (um) Vagão forragereiro Nogueira 334;
- 01 (uma) Carreta lançadeira Jumil;
- 01 (um) Galpão coberto 38X40;
- 800 (oitocentos) mts de cocheira de alvenaria;
- 10 (dez) currais de arames zmil, com 05 (cinco) cordas;
- 01 (uma) Balança COIMMA eletrônica;
- 02 (duas) Balanças MAM;
- 02 (duas) casas somando uma cobertura 100 M²;

4- METODOLOGIA

4.1- O ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um dos vários modos de realizar uma pesquisa sólida. Outros modos incluem experiências vividas, histórias, e a análise de informação de arquivo (como em estudos econômicos).

Cada estratégia tem vantagens e desvantagens que dependem de três condições:

- 1) o tipo de foco da pesquisa;
- 2) o controle que o investigador tem sobre eventos comportamentais atuais e,
- 3) o enfoque no contemporâneo ao invés de fenômenos históricos.

Em geral, estudos de casos se constituem na estratégia preferida quando o "como" e/ou o "por que" são as perguntas centrais, tendo o investigador um pequeno controle sobre os eventos, e quando o enfoque está em um fenômeno contemporâneo dentro de algum contexto de vida real.

Mc Doewell, 2003, salienta que o estudo de caso pode ser usado como uma estratégia de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitos campos, incluindo:

- ciência política, e pesquisa de administração pública;
- psicologia e sociologia;
- organizações e estudos de administração;
- cidade e pesquisa de planejamento regional, como estudos de planos, bairros, ou agências públicas.

A meta geral é ajudar os investigadores a lidar com algumas das perguntas mais comuns (e por vezes difíceis de serem apontadas) como:

- (a) definir o alvo do estudo de caso.
- (b) determinar os dados pertinentes a serem coletados
- (c) que tipo de tratamento deve ser dado aos dados, uma vez coletados, são encontrados estudos de caso até mesmo em economia onde a estrutura de uma determinada indústria/empresa, ou a economia de uma cidade/ região, pode ser investigada. Em todas estas situações, a estratégia de estudos de caso pode contribuir para aumentar o entendimento de fenômenos sociais complexos.

Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação das características significantes de eventos vivenciados, tais como: processos organizacionais e

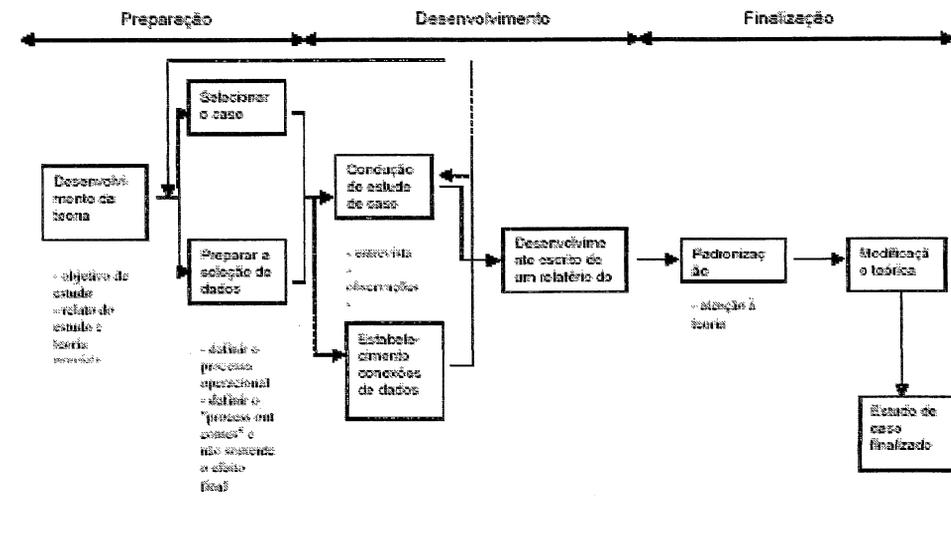
administrativos, mudança em geral, relações internacionais, maturação de indústrias, entre outros.

Algumas dicas devem ser lembradas:

__ Mantenha a simplicidade, pois é ela que garantirá a clareza daquilo que se quer objetivar, o papel do estudo de caso é facilitar a vida da pessoa que o interessa e não dificultar mais.

__ Não tenha medo de discutir aquilo que se acha, pois diferenças são vantajosas quando se buscar um ponto conclusivo.

Quadro Auxílio



Quadro 1. Etapas relevantes para elaboração de um Estudo de

4.2- SISTEMA PRODAP

O objetivo do sistema PRODAP é adequar cada sistema de produção aos recursos naturais disponíveis, tornando-os rentáveis, respeitando a realidade e a história local. A Equipe é composta por sócios, consultores de nível superior em ciências agrárias, que atuam em produção animal coordenando atividades em:

- Estudos de viabilidade econômica, que visam dar segurança à definição de sistema de produção,

- Projeção econômico-financeira para o ano corrente. Trabalho realizado já como parte da rotina de consultoria técnica onde são feitas projeções detalhadas para os próximos 12 meses;
- Acompanhamento do desempenho econômico e financeiro de cada propriedade assistida;
- Treinamento dos funcionários para execução das tarefas rotineiras;
- Manejo de pastagens, incluindo formação, reforma e recuperação através do uso racional das tecnologias disponíveis. Dimensionamento de forragem disponível e planejamento alimentar. Intensificação da produção de forragem;
- Manejo de rebanhos, envolvendo os aspectos alimentar, reprodutivo e sanitário;
- Sistemas de produção com pequenos ruminantes;

O sistema PRODAP assiste, de forma regular, 600.000 cabeças de bovinos e 40.000 pequenos ruminantes nos Estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Tocantins. A PRODAP desenvolve sistemas com base em princípios técnicos consolidados, associados às necessidades dos usuários, às novidades tecnológicas e às tendências do mercado.

O Software PRODAP Profissional é voltado para o controle agropecuário. Ele monitoriza pecuárias de corte e leite, desde a coleta de dados produtivos e reprodutivos, com lançamentos validados que evitam inconsistências, até o acompanhamento econômico e financeiro da propriedade.

O Software PRODAP Móvel permite a coleta de informações com segurança e facilidade obtendo resultados imediatos no campo. Além disso, com o PRODAP Móvel, você leva na palma da mão os dados que estão armazenados no seu computador.

Como características de trabalho do departamento podemos citar a agilidade e a capacidade de criar rotinas específicas conforme a demanda de cada cliente e a sintonias com tecnologias atuais, como geração de dietas conforme o NRC e total

compatibilidade com os programas de rastreabilidade do rebanho de corte em implantação no Brasil.

O número atual de usuários cadastrados em todas as versões já disponibilizadas é de 8.000 cópias legais. Os clientes são assistidos via suporte telefônico e via e-mail. Cursos de informatização são realizados na PRODAP em belo Horizonte ou em outras localidades conforme a necessidade. Além das possibilidades citadas, presta-se também consultoria específica para as fazendas conforme a demanda do cliente.

Sintonizada com as exigências internacionais para comercialização de produtos de qualidade, a PRODAP, através da informatização das fazendas está certificando rebanhos com a mesma dedicação e seriedade aplicadas nos outros segmentos da empresa.

Possibilitando aos nossos parceiros, agilidade de processos, segurança de informações e a busca pela excelência na produção animal, o PRODAP Profissional está em conformidade com as normas do SISBOV. (lei).

Desta maneira, em um único sistema, o produtor além de fazer todo o controle das atividades para tomada de decisões, está em condições de ter seu rebanho certificado com a seriedade e confiabilidade depositadas pelos nossos clientes desde 1979. O melhor e mais completo software de gestão agropecuária:

- Produção animal: genealogia e desempenhos
- Reprodução: monta, inseminação e transferência de embriões
- Nutrição: requisito corte e leite e dietas por custo mínimo
- Sanidade: calendário sanitário, exames e aplicações
- Mais de 100 relatórios sintéticos e analíticos
- Conexão com balanças eletrônicas
- Avaliação econômica e financeira

5. ANÁLISE FINANCEIRA DA ATIVIDADE GADO DE CORTE

No ano 2003 (agosto – dezembro) foram efetivados um confinamento com 1200 animais divididos em 12 lotes. Os dados das tabelas ab seguir apresentam os resultados obtidos:

Tabela 1: Informações gerais obtidas no período experimentado

LOTE	N. ANIMAIS	PESO ENTRADA	PESO SAIDA	GANHO MÉDIO DIA	TRATAMENTO	@ ENT	@ SAI
1	70	373	482	1,09	T1	12,43	16,07
2	70	333	439	1,067	T1	11,10	14,63
3	70	348	466	1,32	T2	11,60	15,53
4	80	314	428	1,19	T1	10,47	14,27

- Os lotes foram apartados de acordo com o peso que uma vez o influencia diretamente a quantidade de animais que existe em cada curral;
- A quantidade de animal foi restituída a partir do tamanho dos cochos e dos currais;
- O trato foi dividido em dois manejos: cana e uréia e cana uréia e cilagem de arroz, e ambos receberam 1.2% do peso vivo em ração protéica;
- A diferença que obtivemos entre os lotes nos revela o que alguns estudos zootécnicos já comprovaram.

Tabela 2: Custo de produção/animal/dia nos dois tratamentos testados

Custo de produção (incluso mão obra)		
Tratamento 1	Cana+uréia	R\$ 2,00
Tratamento 2	Cana+uréia+silagem	2,18

Tabela 3: Resultados econômicos obtidos nos tratamentos

LOTE	Ganho total (kg)	Custo total/kg de ganho	Custo total no período confinado (R\$)	Ganho em arroba	Preço @ na venda (R\$)	Retorno por animal (R\$)	Valor lote (R\$)	%
1 (T1)	109	1,83	12.201,83	3,63	47	170,77	11.953,67	-2%
2 (T1)	106	1,87	12.464,85	3,53	47	166,07	11.624,67	-7%
3 (T2)	118	1,65	10.982,58	3,93	47	184,87	12.940,67	18%
4 (T1)	114	1,68	12.773,11	3,80	47	178,60	14.288,00	12%

Entende-se que um sistema de gado de corte e o conjunto de tecnologias e praticas de manejo, bem como o tipo do animal, o propósito criação e co-região onde a atividade e desenvolvida, também devemos considerar que um sistema de produção ao ser definida tem uma influencia decisiva nos aspectos sociais e econômicos, e principalmente nas modificações que poderão ser impostas por forcas externas e especialmente na forma como tais mudanças poderão ocorrer para que o processo seja eficaz.

Assim torna-se evidente que o estabelecimento, de um determinado sistema de produção não depende unicamente do desejo do produtor, mas sim as condições socioeconômicas e a capacidade de promover investimentos.

Mencionar a implantação de um sistema de produção e de ordem muito complexa: respeitar as diferenças regionais de cada microrregião. Significa manter os níveis de produção mais baixos, porém compatíveis com os recursos naturais existentes em cada co-região, então podemos dizer que o segredo é adequar os níveis tecnológicos aos potenciais, criando um sistema de produção sustentável.

Por se constituírem em elementos fundamentais e qualquer processo de mudança, poderão ser as responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de qualquer inovação.

CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho, foi possível ampliarmos e sedimentarmos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Administração com habilitação rural.

Restou comprovado que o aperfeiçoamento dos métodos de manejo e alimentação do gado, podem favorecer o aumento da produção pecuária, o que torna possível satisfazer a crescente demanda de proteínas animais que o aumento da população e sua concentração nos grandes centros urbanos geraram.

A pecuária já representou uma das principais atividades econômicas da humanidade e hoje esta afirmação ainda é uma realidade, entretanto graças às novas técnicas, apresenta resultados muito melhores, se comparados aos de outrora.

A pecuária tradicional é de tipo extensivo, que demanda grandes áreas destinadas à pastagem, onde os animais vagam e se alimentam com relativa liberdade das pastagens existentes, ao contrário da experiência enfocada neste trabalho que se refere a uma pecuária intensiva, onde o número de cabeças de gado é alto em relação ao espaço, mas que se revela promissora, embora, seja determinante o emprego da tecnologia e de sistemas de racionalização da produção, sempre com vistas à obtenção de rendimentos altos.

Neste tipo de atividade, o gado é mantido estabulado e é alimentado artificialmente, com ração balanceada, o que favorece duplamente a engorda: pela administração dos nutrientes adequados e pela limitação imposta à movimentação dos animais.

Vale ressaltar que uma das grandes preocupações com relação à aplicação das técnicas do confinamento empregadas na Fazenda União I, está ligada à questão ambiental, respeitando os limites oferecidos pela propriedade.

Além deste, outros fatores contribuem para assegurar ao criador, resultados mais rápidos e econômicos, com relação à criação do gado e de quebra, quanto ao aproveitamento da terra para o plantio que garantirá a alimentação, como é o caso da cana-de-açúcar, por exemplo, e ainda do esterco, que servirá de adubo para o plantio da cana.

7 – SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS

Por se tratar de assunto extremamente importante, principalmente para os interessados em desenvolver esta atividade, consideramos este trabalho bastante sucinto, portanto, sugerimos pesquisas e estudos mais abrangentes e aprofundados.

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRIANUAL – Anuário da agricultura brasileira. São Paulo: FNP – Consultoria e AgroInformativos, 1999. 544 p.

ANTUNES L. M. *Gerência agropecuária*. Lavras: UFLA/FAEP, 2001. 265p.

ANUALPEC – Anuário da pecuária brasileira. São Paulo: FNP – Consultoria e AgroInformativos, 2004. 400p.

ARRUDA, Z. J.; SUGAI, Y. *Principais regiões da bovinocultura de corte no Brasil*. Brasília: EMBRAPA, 1994. 126p.

BOLETIM GEOGRÁFICO. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

CAMARGO NETO, M. *Confinamento e Conjuntura*.

Disponível em: <http://www.paginarural.com.br/noticias>. Acesso em: 21 jun. 2004.

CASAROTTO, F^o., N. *Projeto de Negócio: estratégias e estudo de viabilidade*. São Paulo: Atlas, 2002. 301 p. ISBN 85-224-3199-X.

CEPEA/USP. *Mercado Asiático: Pesquisa Cepea/Esalq revela potencial e barreiras para exportações agropecuárias para o mercado asiático*. Disponível em <http://cepea.esalq.usp.br/internacional/publicacao.php?id=35>
Acesso em: 06 jun. 2004.

CHIAVENATO, I. *Introdução à teoria geral da administração*. 2 ed. São Paulo: Makron Books, 1993. 522 p. ISBN 85-346-0198-4.

CNA – Confederação de Agricultura do Brasil CNA. *Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil*. Brasília: SEBRAE, 2000.

DON, A. Boi Verde. *Noticiário Tortuga*, São Paulo, p. 3, jan./fev., 2004.

EMBRAPA. *Terra e alimento: panorama dos 500 anos de agricultura no Brasil*. Brasília, 2004. 65 p.

HILDEBRAND, M. *Análise das estruturas dos vertebrados*. São Paulo: Atheneu, 1995. 156 p.

LAZZARINI NETO, S. *Confinamento de bovinos*. Viçosa, MG: Aprenda fácil, 2000.

LEME, Rui Aguiar da Silva. *Controle na produção*. 2 ed. Pioneira. São Paulo, 1974. 280 p.

_____. *Manejo de pastagens*. Viçosa, MG: CPT – Centro de Produções Técnicas, 1999. 125 p.

LEMA, R. A. da S. *Controle na produção*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1974. 280 p.

MARTINS, P. G.; LAUGENI, F. P. *Administração da Produção*. São Paulo: Saraiva, 2001. 445 p. ISBN 85-02-02502-3.

Mc DOWELL, L. R.; CARVALHO, F. A. N.; BARBOSA, A. *Nutrição de Bovinos a Pasto*. Belo Horizonte: Fundação Cargil, 2003. 438 p.

MONKS, J. G. *Administração da Produção*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987, 502 p.

NEHMI, I. M. D. *Mercado da carne no exterior*. São Paulo: FNP, 2003. 496 p.

NEVES, M. F. *Redes agroalimentares e marketing da carne bovina*. *Revista Lagoa da Serra*, Sertãozinho, SP, n. 12, p. 9, jul. 2002.

OLIVEIRA, D. de P. R. de *Excelência na administração estratégica: a competitividade para administrar o futuro das empresas*. São Paulo: Atlas, 1993. 234 p. ISBN 85-224-0897-1.

_____. *Sistema de informações gerenciais: estratégias, táticas operacionais*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. 274 p. ISBN 85-224-0976-5.

_____. *Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e prática*. 14. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 303 p. ISBN 85-224-2396-2.

PRATINI, M. A. Pratiní quer superar barreiras externas. Disponível em: <http://www.amcham.com.br/revista/revista2002-08-27a/materia2002-08-29k/pagina2002-08-29m>. Acesso em: 14 maio 2004.

REVISTA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. São Paulo: Sober – Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia rural, v. 37. n. 2, abr./jun. 1999.

REVISTA SAFRA. Vitelo orgânico - charme pantaneiro. Disponível em: <http://www.revistasafra.com.br/2003-12/mat02.htm>. Acesso em 22 abr. 2004.

SCHWARTZ, L.W. Factors which influence parameters of goat lactation curves in the Federal District. *Revista Brasileira Zootecnia*, v. 32, n. 6, p. 1614-1623, Nov./Dez. 1997, ISSN 1516-3598.

SETTE, R. de S. *Estratégia Empresarial*. Lavras: UFLA/FAEP, 1998. 81 p.

SILVA, B. *Taylor e Fayol*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987. 239 p. ISBN 85-2225-0148-3.

SILVA, V. da ANEFALOS, L. C. Relative intensity of bilateral trade flows, regional integration, and trade performance: the case of Brazil, 1984-1998. *Revista Economia e Sociologia Rural*, v. 41, n. 2, p. 345-360, Apr./Jun. 2003, ISSN 0103-2003.

SISBOV - INSTRUÇÃO NORMATIVA. Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal. Secretaria de Defesa Agropecuária. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. <http://www.agricultura.gov.br/sda/dipoa/normativa01.htm>. Acessado em 20 fev. 2002.

SOUZA, M. G. Zootecnia. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por marcogsouza@uol.com.br em 26 jun. 2004.

VIANA, J. J. *Administração de materiais: um enfoque prático*. São Paulo: Atlas, 2000. 448 p. ISBN 85-224-2395-4.

Revisado por



ANEXOS

Nome: MESSIAS DA MOTA PAES NETO

Nº da matrícula: 0202500001

Endereço: Av. Rio Araguaia, QD. 6, It. 5, St. Canastra

CEP: 76.680-000

Cidade: Itapuranga-GO

Tel. Com: (62) 355-1352

Fax: (62) 355-1108

Celular: (62) 9994-2800

e-mail: neto/mota@uol.com.br

Estágio realizado na área: Administração da Produção

Empresa: Fazenda União I

Responsável pelo estágio na empresa: ANTONIO ALONSO MOTA PAES

Endereço: Rua 53 esquina com 54 s/nº Vila Renata Itapuranga-GO

Telefone: (62) 9964-6027

prodap

Professional 2002



Histórico de pesagem

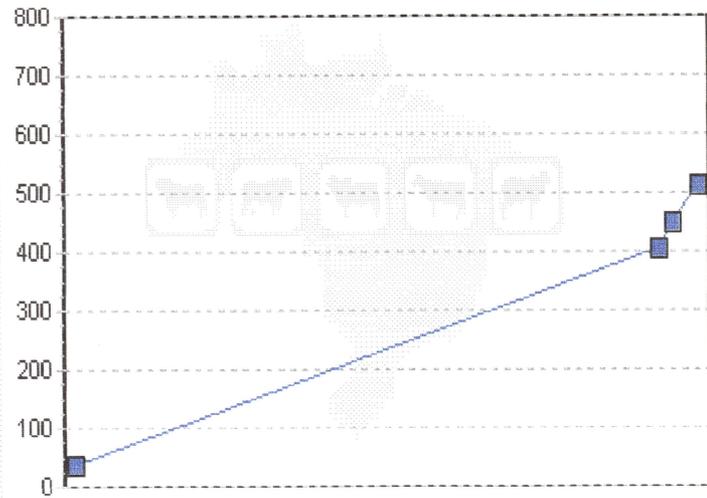
Código do Animal 001

Raça 1/2 HOP,NEL

Nascimento 01/01/2000

Não castrado(a)

Categoria Touro



Data	Idade	Peso	Escore	GMD	GPD	Tipo peso	Doença	Hora	Manejo
01/01/00	00/00	35,0		0,000	0,000	NE			
07/05/03	03/04	404,0		0,302	0,302	IN			
06/06/03	03/05	448,0	0,0	1,467	0,330			07:00	Estabulado
31/07/03	03/06	514,0	7,0	1,200	0,366			11:00	Estabulado

Observação

Tipo de Peso: AP-Aptidão DL-Desaleitamento DM-Desmama IN-Inclusão NE-Nasc. estimado NI-Nasc. informado PA-Parto FL-Fim de Lactação

K < > >|

Confirma

Cancela

Exclui

Ajuda

Filtro de animais



Categoria | Retiro | Raça | Origem | Proprietário | Agrupamento | Peso

Fêmeas

FMam

Crescimento

FCr1

FCr2

FCr3

FRc1

FRc2

FRc3

Sem data de nascimento

Matrizes

Novilhas

Paridas

Solteiras

NApt

NIns

NGes

VPV

VPln

VPGe

VSV

VSln

VSGe

Machos

MMam

Crescimento

MCr1

MCr2

MCr3

MRc1

MRc2

MEn1

MEn2

Sem data de nascimento

Tour

Rufi

BoiC

Idade

Mínima

Máxima

Com categorias

Sem categorias

Condição

Castrados

Inteiros

Todos

Data de entrada

de / / até / /

Sem data de entrada

Data de baixa

de / / até / /

Confirma

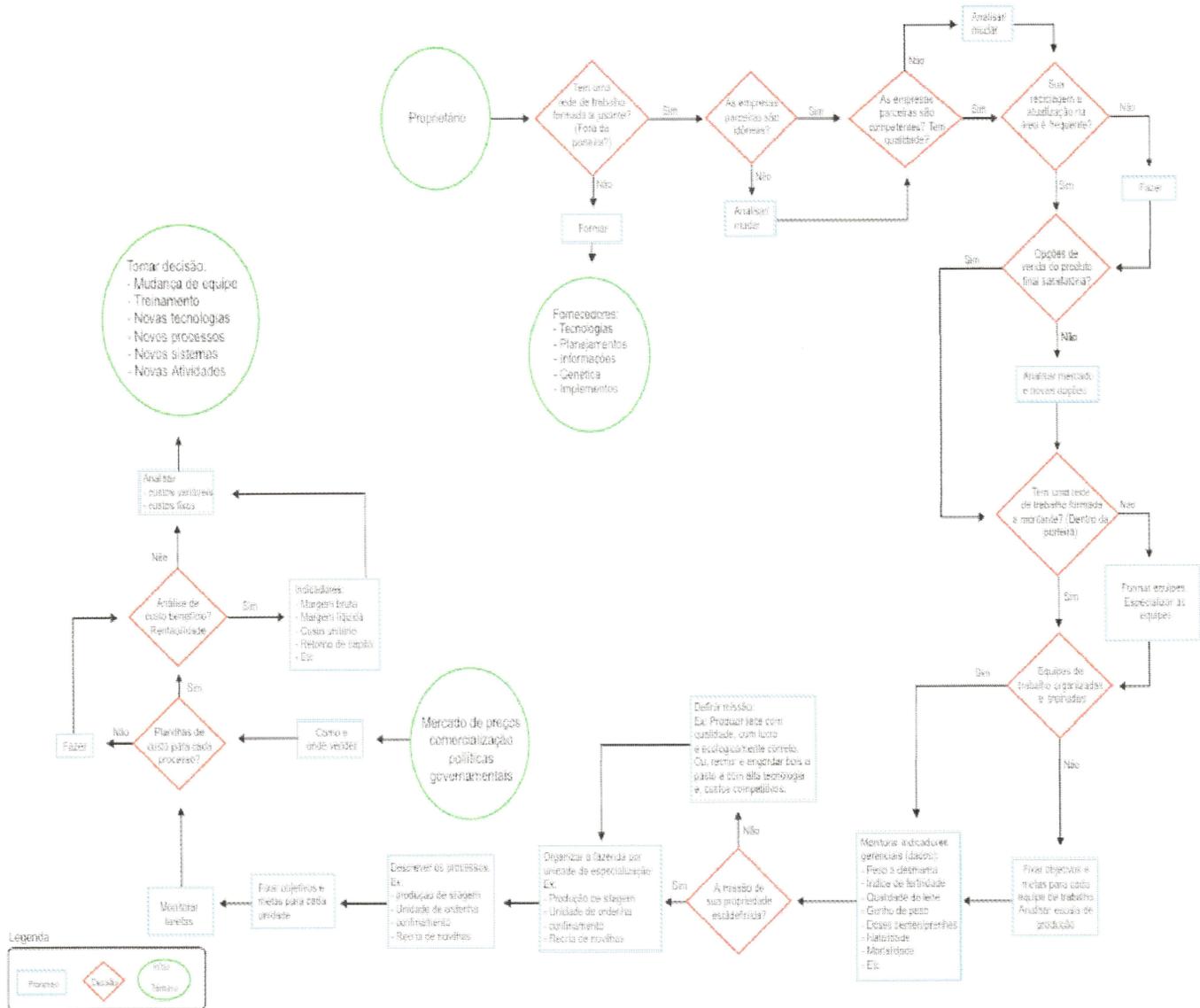
Sai

Grava

Lê

Ajuda

Organização da Fazenda e Administração de Processos na Atividade Rural





Fazenda dos Anjinhos
Sarapuí - SP

